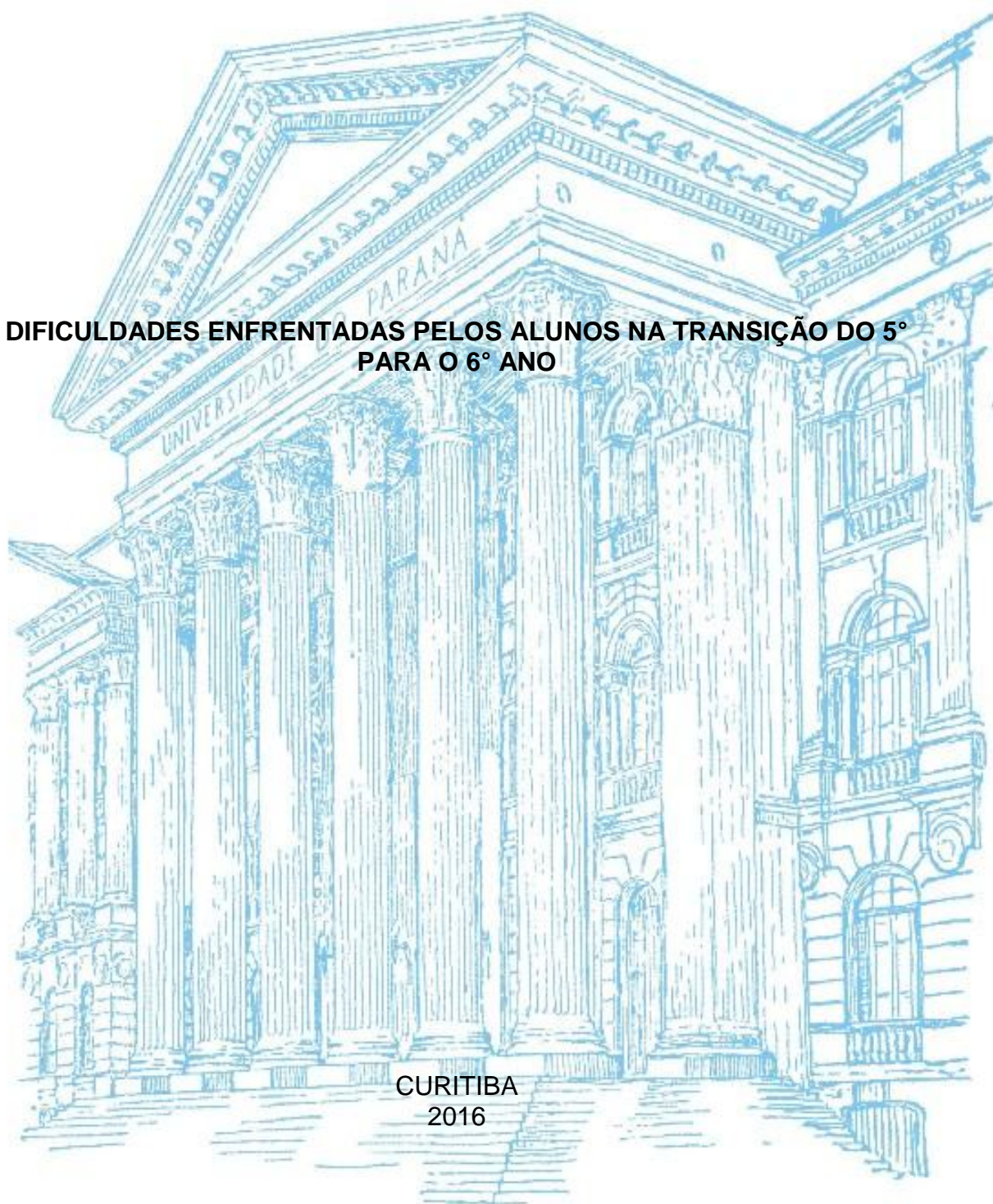


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

JUREMA MARIA GOMES DA CUNHA

**DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS ALUNOS NA TRANSIÇÃO DO 5º
PARA O 6º ANO**



CURITIBA
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

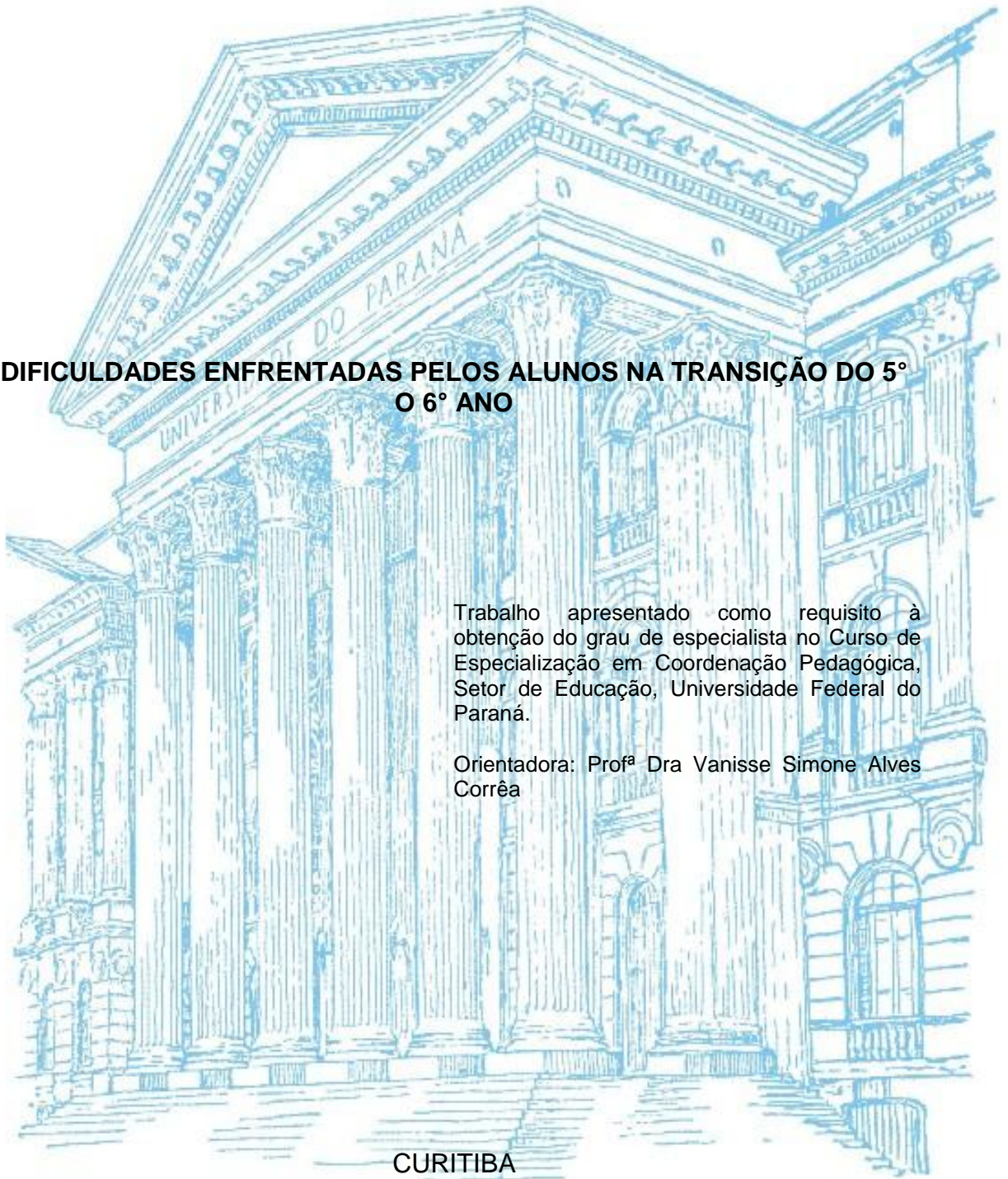
JUREMA MARIA GOMES DA CUNHA

**DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS ALUNOS NA TRANSIÇÃO DO 5º
O 6º ANO**

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^ª Dra Vanisse Simone Alves Corrêa

CURITIBA
2016



DIFICULDADES ENFRENTADAS PELO ALUNO NA TRANSIÇÃO DO 5º PARA O 6º ANO

JUREMA MARIA GOMES DA CUNHA¹

RESUMO

A pesquisa tem a finalidade de destacar os problemas que comprometem o ensino aprendizagem dos alunos dos 6º anos, e através de motivações e possíveis planos de ações para tentar superar as dificuldades perante os problemas levantados na Instituição de ensino estadual Primavera e assim ajudar no desenvolvimento intelectual e social desses alunos, para que eles possam estar preparados para os próximos anos escolares.

Observou-se que a transição do 5º para o 6º ano tem demonstrado algumas falhas que refletem no desenvolvimento ensino aprendizagem dos alunos do 6º ano. A pesquisa iniciou-se com a revisão de literatura e a abordagem na escola estudada, por meio de várias ações que motivaram os alunos do 5º e 6º ano a irem mais confortáveis e seguros para as séries seguintes. O suporte teórico baseou-se principalmente em Cortella (2008), Rios (2011) e Saviani (2000). Foi ofertado um questionário aos alunos e seus responsáveis, professores e funcionários de três instituições escolares que ofertam matrículas para o 5º e 6º ano.

A pesquisa concluiu que é possível reduzir as dificuldades dos alunos se for feito um trabalho de conscientização e motivação junto aos professores, alunos e responsáveis, por meio da orientação pedagógica.

Palavras-chave: Transição do quinto ano para o sexto ano, educação básica, desenvolvimento ensino aprendizagem, Motivação.

¹ Artigo produzido pela aluna JUREMA MARIA GOMES DA CUNHA do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EaD, pela Universidade Federal do Paraná, sob orientação da profª Drª Vanisse Simone Alves Corrêa. E-mail: jugomescunha@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Observou-se pela prática profissional como pedagoga do Estado do Paraná, e pela pesquisa feita com alunos e seus responsáveis, professores, e pedagogos de alguns colégios Estaduais e escolas Municipais que há grande dificuldade na transição dos alunos de 5º ano para o 6º ano, refletindo assim nas séries futuras.

Verificou-se com a pesquisa feita em três instituições de ensino que grande parte dos seus alunos do ensino fundamental I, que ingressam no fundamental II, mais precisamente no 6º ano demonstram grande desinteresse e dificuldade.

Acredito que a transição do fundamental I para o Fundamental II, acaba trazendo muitas expectativas, medos e dificuldades no desenvolvimento ensino e aprendizagem desses alunos, pois há muitas diferenças na rotina de uma escola para outra, tais como: organização, rotina, número de professores entre outros.

O número de aulas por dia dificulta também, porque os alunos não estão habituados a cinco aulas por dia, e a usar tantos materiais em um único dia, ainda demonstram lentidão ao copiar o conteúdo e muita dificuldade ao assimilar o mesmo, devido também às diferenças de disciplinas e o tempo dado para explicar cada conteúdo em cada aula.

Com a pesquisa feita nessas instituições de ensino, verificou-se que alguns de seus professores também têm cooperado para as dificuldades que esses alunos enfrentam, porque a maioria não tem perfil e qualificação para lecionarem nessa série e a própria Instituição não está preparada para recebê-los.

Em relação aos professores do fundamental II que participaram da pesquisa, não há um treinamento, sequer uma fala para prepará-los a receber os alunos do 5º ano, que ainda estão imaturos para a rotina diferenciada que o 6º ano exige.

1. ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS NO BRASIL

A educação de nove anos começou a ser discutida em 2004, com a intenção de melhorar a qualidade de ensino, respeitar o tempo de aprendizado de cada aluno e assim proporcionar maiores oportunidades de aprendizado e socialização do educando.

Com a implantação de ensino de nove anos em algumas regiões do Brasil em 2005, o aluno deveria entrar no primeiro ano com seis anos, a proposta teve até 2010 para ser implantada no Brasil todo.

Lei nº 11.114, de 16 de maio de 2005 – torna obrigatória a matrícula das crianças de seis anos de idade no Ensino Fundamental. Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006 – amplia o Ensino Fundamental para nove anos de duração, com a matrícula de crianças de seis anos de idade e estabelece prazo de implantação, pelos sistemas, até 2010. (SEB/MEC, p 1).

Essas leis garantem a ampliação de ensino para nove anos, obrigando o responsável a matricular a criança com seis anos de idade na escola, garantindo também o direito da criança a uma permanência maior na escola para que ela aprenda e assimile em seu tempo, pois cada criança é impar no seu jeito de ser e aprender.

Idéias sobre a escola idealizada de Pestalozzi, encontrada na página do site mini web educação resumem: a função principal do ensino é levar as crianças a desenvolver suas habilidades naturais e inatas. A escola idealizada por Pestalozzi deveria ser não só uma extensão do lar como inspirar-se no ambiente familiar para oferecer uma atmosfera de segurança e afeto. A criança, na visão de Pestalozzi, se desenvolve de dentro para fora. Para o pensador suíço, um dos cuidados principais do professor deveria ser respeitar os estágios de desenvolvimento pelos quais a criança passa. Dar atenção à sua evolução, às suas aptidões e necessidades, de acordo com as diferentes idades.

Com o objetivo de inserir a criança com toda a sua diversidade no ambiente escolar e respeitando o seu ritmo e tempo de aprendizado, a ampliação de ensino para nove anos deverá desenvolver na criança, não só o conteúdo e o conhecimento, mas desenvolver no aluno toda a sua plenitude, seu desenvolvimento didático, cognitivo, social e político, respeitando as diferenças.

Segundo a legislação a vida educacional do aluno inicia na faixa etária de 6 anos no 1º ano, e 10 anos no 5º ano, e assim inicia o ensino fundamental I, aos 11 anos no 6º ano, e aos 14 anos no 9º ano, fundamental II, dando uma somatória de nove anos.

A lei nº 11,114 de 16 de maio de 2005, assegura a permanência da criança dentro do ambiente escolar por nove anos, lhe dando todos os subsídios e tempo para que ela possa desenvolver o seu ensino aprendizagem.

Com essa nova lei, houve a necessidade de reavaliar e adequar o currículo, pois levou-se em conta valorizar a infância do educando, já que esse ingressaria muito cedo na escola e com um nível de imaturidade diferente dos educandos de sete anos. O Projeto Político Pedagógico também teve que ser reelaborado pensando na compatibilidade da nova faixa etária dos alunos. Conseqüentemente as escolas também tiveram que ser readaptadas em todo o seu conjunto, não só no espaço físico, mas também nos materiais pedagógicos, equipamentos, aumento das vagas e até mesmo de funcionários.

Essa reelaboração e readaptação que foram feitas no sistema educacional não só nas séries iniciais, mas em todo o ensino de nove anos, ou seja, Fundamental I de 5º ao 6º ano, e Fundamental II de 6º ao 9º ano teve o prazo até 2010 para ser concluído.

A Secretaria Estadual de Educação do Paraná elaborou um documento com vários profissionais, entre eles pedagogos e professores, onde orienta os profissionais da educação que atuam nas Instituições de ensino fundamental II sobre a ampliação do ensino fundamental de nove anos e reorganizando o currículo e o processo de formação do professores qualificando o processo de ensino em um sistema inclusivo.

O Departamento de Educação Básica tem como princípio o desenvolvimento de políticas educacionais voltadas para o aprimoramento do trabalho pedagógico realizado pelos professores em sala de aula. A principal ação, dentre essas políticas, foi propiciar um intenso processo de discussão sobre teoria e metodologia de ensino e levar a cabo a construção curricular para todas as etapas da Educação Básica: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Ter um documento orientador dessa natureza é o ponto de partida para se idealizar e concretizar as demais políticas educacionais, pois, currículo é caminho, é um modo pelo qual a educação concebe a sociedade e propõe a ela um projeto de futuro. (SEED, 2010).

Esse documento tem a função de orientar os professores, equipe pedagógica e diretiva a refletir e discutir sobre as mudanças e reformas da educação, e assumir a responsabilidade para contribuir no desenvolvimento para qualidade de ensino.

É de responsabilidade da equipe pedagógica, trabalhar essas orientações, buscando o aprimoramento e reflexão junto com os professores.

Com o objetivo de entender a realidade em relação à transição do 5º para o 6º ano, foi ofertado um questionário à comunidade escolar.

2. PESQUISA DE CAMPO

Foi feita uma pesquisa através de questionário com professores e funcionários, alunos e responsáveis da comunidade. Uma parte dos alunos e responsáveis, funcionários e professores que participaram da pesquisa de uma instituição de ensino estadual, a qual oferta ensino fundamental, médio e profissionalizante, com aproximadamente 1300 no total de alunos, sendo que desses, 130 são matriculas de 6º ano, outra parte em duas instituições de ensino municipal de pré ao 5º ano, e apoio à inclusão com aproximadamente 1500 alunos no total.

Essa pesquisa constatou que a maioria dos docentes dessas três instituições de ensino que responderam o questionário, afirmam que a lei de nove anos no ensino fundamental facilita o processo de alfabetização, porque a criança tem um maior tempo para desenvolver o ensino aprendido do aluno, mas é claro que a imaturidade do aluno por muitas vezes acaba dificultando o processo de alfabetização, os professores relatam que a imaturidade é um dos problemas que dificultam o desenvolvimento acadêmico do aluno, é necessário trabalhar essa imaturidade com ações compatíveis para esse aluno e toda a classe. Tais ações devem ser discutidas e construídas com o pedagogo e os professores que atuam nessa série. O ideal seria planejamentos individuais com os alunos que apresentam dificuldades ou problemas como a imaturidade entre outros, mas é impossível montar um plano de ação individual e plano de trabalho docente individuais, pois o professor tem em cada sala de 6º ano mais de trinta alunos e na maioria das vezes tem mais de três salas de 6 ano.

Para que haja um aprimoramento para melhorar a qualidade de ensino, é necessário um olhar especial para os alunos quando ingressam no 6º ano e que os professores tomem consciência que ainda estão em processo de letramento.

A família é um fator muito importante nesse processo e deve estar presente e atuante na vida escolar do aluno. Na pesquisa feita com os responsáveis e alunos, ficou claro que não são orientados sobre a lei de nove anos e o porquê há essa necessidade da criança estar mais tempo na escola e como se dá o processo. É preciso prepará-los e orientá-los nessa questão.

Observou-se também que formações continuadas específicas para o 5º e 6º ano são fundamentais para preparar os professores para que possam desempenhar melhor o seu trabalho pedagógico, é preciso que os mesmos estejam em constante atualização para assim desenvolverem ferramentas compatíveis com a faixa etária e planejar um ótimo plano docente.

Os professores do município de Pinhais, que responderam o questionário, afirmam que o município os prepara com cursos, palestras, entre outros, para possibilitar ao professor lecionar com maior qualidade nas turmas de 5º ano, e assim preparar os alunos para que possam frequentar a próxima série no ano seguinte.

Já os professores Estaduais, que lecionam no 6º ano que responderam o questionário, afirmam que nunca receberam preparo específico para essa série e que isso acaba refletindo na qualidade de ensino, pois a maioria concorda que os alunos chegam na Instituição com muita imaturidade e despreparados para tantos desafios que a própria série e Instituição escolar proporciona. Afirmam também que a formação continuada poderia incluir cursos específicos para os professores de 6º ano e funcionários e prepará-los para que possam melhor receber esses alunos e ajudá-los a vencer todos os desafios, desenvolvendo um trabalho com mais qualidade.

3. ALGUNS PROBLEMAS QUE OCORREM NO DESENVOLVIMENTO ENSINO APRENDIZAGEM

Os alunos chegam ao 6º ano e logo no início do ano já demonstram uma grande dificuldade ao assimilar os conteúdos e desempenhar o papel de

aluno como: desenvolver trabalhos e tarefas e entregá-los na data, demonstrar organização nos conteúdos que são passados, hábito de estudo para que se tenha um melhor desempenho, comportamento adequado dentro da instituição de ensino e imaturidade. Claro que não se pode generalizar, mas há grande parte dos alunos que demonstram essas características.

Segundo Saviani (2000), o mal desempenho escolar se dá a fatores externos como: saúde, desnutrição ou má alimentação, problemas psicológicos e cognitivos ou familiar.

A bagagem que o aluno traz interfere no seu desenvolvimento ensino e aprendizagem, pois quando o mesmo vive em um ambiente familiar desestruturado com responsáveis ausentes e/ou inconstantes, seu emocional se desequilibra, podendo desenvolver certas patologias psicológicas, que afetam o seu desempenho pedagógico.

É sabido que a desnutrição é um dos vilões no desempenho escolar.

As consequências da desnutrição no desenvolvimento infantil são numerosas, incluindo desde retardo no crescimento, que seria uma das manifestações mais comuns, a retardo mental, atraso do neurodesenvolvimento, baixa capacidade para resolução de problemas e recorrência de infecções, entre outras. De acordo com Monte, todos os órgãos e sistemas das crianças gravemente desnutridas são afetados e até então, nenhuma das funções estudadas nessas crianças mostrou-se normal. (*Assoc. Revista Bras. Nutrição, Vol.4, N.5, p.61, jan-Jun 2012*).

A desnutrição faz o aluno ter muitas faltas devido a alguns sintomas que ele desenvolve, com isso não consegue acompanhar o conteúdo. Essas situações desenvolvem dificuldades de aprendizagem, colaborando para o fracasso escolar.

O intelecto pode ser prejudicado pelo comprometimento em áreas do desenvolvimento neuropsicomotor. Algumas áreas, como a da coordenação visiomotora, a memória e a linguagem são mais afetadas podendo prejudicar o rendimento escolar. (Fraga, p 61, jan./jun. 2012).

Essas dificuldades fazem com que o aluno se retraia ou demonstre-se indisciplinado, porque ele não consegue entender o assunto que está sendo trabalhado e acompanhar a turma, extravasando com essas atitudes.

O professor, a equipe pedagógica e diretiva acabam por observar mais o aluno indisciplinado, porque ele atrapalha o andamento das aulas, o qual em alguns momentos acaba até machucando o colega fisicamente ou psicologicamente, com essas situações muitas vezes acabam por tomarem

procedimentos de intervenções que não são adequadas e que acaba piorando a situação, em alguns casos é necessário um acompanhamento familiar também. Isso não ocorre ou por despreparo de toda a equipe ou ausência da família.

Porque os alunos com baixo desempenho se percebem excluídos do processo de ensino e aprendizagem, não recebem a atenção necessária para avançar e, por vezes, se sentem humilhados e segregados ao ser obrigados a aceitar valores tão diferentes e sem sentido para eles. Além disso, muitos escutam dos professores insinuações - ou até mesmo afirmações diretas - que colocam em xeque a capacidade de eles aprenderem. Não é difícil encontrar em um ambiente educativo - embora seja totalmente inadmissível - alguns profissionais que humilham e adotam atitudes discriminatórias. Diante desse cenário, esses jovens decidem não aderir ao mundo que lhes é oferecido dentro da escola e criam outra hierarquia de valores, em que a rebeldia e a violência imperam. (Parrat-Dayan Silvia, 2010).

O aluno retraído acaba por passar despercebido, muitas vezes, sendo observado somente no conselho de classe e é considerado um aluno fraco quase sempre, sendo encaminhado para o reforço sem se aprofundarem na vida do aluno e sem refletirem o porquê realmente desse aluno se comportar dessa maneira e demonstrar tão pouco progresso.

Essa reflexão serve para todos os alunos que demonstram qualquer tipo de problema ou dificuldade. Deve-se ter um olhar especial e sempre se levar em conta a bagagem do aluno. Com todas essas informações é possível desenvolver estratégias que possam ser compatíveis para determinadas situações.

Em relação aos responsáveis inconseqüentes que não impõem limites ou respeito, quase sempre isso reflete dentro da sala de aula como indisciplina, e atritos com professores e colegas de classe, fazendo o trabalho do professor árduo e comprometendo o desempenho de toda a turma.

Acredito que o ambiente escolar também é um fator para o fracasso escolar se não desenvolvido de maneira compatível para o aluno do 6º ano devida a sua faixa etária.

Dentro e fora do ambiente escolar existem vários fatores que acabam desmotivando o aluno e interferindo no desempenho intelectual do aluno.

Demerval Saviani (2000) acredita que a escola deve lutar contra a seletividade, a discriminação dos alunos, mas que o aluno também deve fazer sua parte, pois se somente se considerar uma peça sem qualquer importância

no sistema não conseguirá promover a mudança necessária para o bem de toda a sociedade e do próprio sistema.

Saviani (2000) alerta que muitas vezes, o fracasso escolar é reflexo de fatores externos, tais como saúde, nutrição, fatores psicológicos e cognitivos, bem como de ordem familiar, e esses elementos contribuem negativamente para a absorção dos conteúdos.

4. UMA EXPERIÊNCIA NA ESCOLA: O TRABALHO MOTIVACIONAL PARA O 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II

Em 2015 os alunos dos 6º anos foram recebidos no primeiro dia de aula, na instituição de ensino Primavera², com as suas salas de aula decoradas com bexigas, e o quadro escrito, “SEJAM BEM VINDOS”. As salas foram decoradas com desenhos, uma forma de amenizar a diferença das salas de aula do ensino Fundamental I (séries iniciais), das salas do Fundamental II (séries finais). As salas das escolas municipais que recebem os alunos do ensino fundamental I são todas decoradas com temas infantis, deixando o ambiente mais prazeroso para os alunos, as salas de aula do ensino Fundamental II não têm esse hábito, o muito que faz e colar os trabalhos dos alunos nas paredes, isso faz com que a sala não fique atraente para os alunos mesmo com os seus trabalhos nas paredes.

Escola bonita não deve ser apenas um prédio limpo e bem planejado, mas um espaço no qual se intervém de maneira a favorecer sempre o aprendizado, fazendo com que as pessoas possam se sentir confortáveis e consigam reconhecê-lo como um lugar que lhes pertence. (Terezinha Azerêdo Rios abril/maio 2011).

Em 2016, novamente, os alunos dos 6º anos foram recebidos de maneira calorosa, e acolhedora, com a sala toda decorada para eles, com o objetivo de que se sentissem tranquilos, já que passaram grande parte da sua vida escolar até o momento em um ambiente totalmente decorado para a faixa etária. Isso faz com que o ambiente seja também um facilitador no processo ensino aprendizagem.

O ideal seria reformular não só o espaço físico da sala de aula, mas todo o espaço físico da Instituição, não apenas com artigos decorativos, mas na estrutura como um todo, como por exemplo, um espaço diferenciado para a

² Nome Fictício da escola onde está sendo realizado o trabalho motivacional.

faixa etária dos alunos do 6º ano, ou para a leitura na biblioteca, ou para as brincadeiras na hora do recreio, entre outras, mas não foi possível devido a situação financeira da instituição.

O horário da entrada, saída e recreio do 6º e 7º ano foi diferenciado do 8º e 9º ano, com 15 minutos de diferença da entrada e saída, e 20 minutos de diferença entre um recreio e outro, pensando na segurança dos alunos, pois observou-se em outros anos que os menores se machucavam muito se envolvendo em brincadeiras com os maiores.

O ambiente escolar - como um espaço público no qual grande parte de nossas crianças e jovens passam seu tempo - é um dos lugares que permitem exercitar tal convívio. A estrutura física da escola, assim como sua organização, manutenção e segurança, revela muito sobre a vida que ali se desenvolve. (Terezinha Azerêdo Rios abril/maio 2011).

Desde de 2015, está sendo feito um trabalho pedagógico junto aos professores em relação ao trato com esses alunos, pois muitos não tinham o perfil para lecionarem nas séries dos 6º anos, e mesmo quem tinha o perfil para atuar nessa série, com o passar do tempo apresentavam comportamento inadequado. Houve resistência da maioria dos professores, principalmente os mais antigos. Segundo Saviani (2000) alguns professor ao se deparar com situações em que o aluno está sem material didático adequado ou básico ou demonstra situações familiares ou sociais problemáticas não demonstram empatia.

Ora, o professor na sala de aula não se defronta com o indivíduo empírico, descrito em todas as suas variáveis, a respeito do qual existem conclusões precisas, estatisticamente significativas. O professor está lidando com o indivíduo concreto; enquanto indivíduo concreto ele é uma síntese de inúmeras relações sociais. (Saviani p 96, junho de 2000).

O aluno de hoje é totalmente diferente de décadas anteriores. Antes a maioria dos alunos demonstravam algumas características marcantes como, obediência, respeito e comprometimento, mas hoje a maioria tem suas características opostas, refletindo em muitos fracassos no desenvolvimento ensino aprendizagem, pois não demonstram respeito com os professores, funcionários, colegas de classe e família, e também não tem o comprometimento de desenvolver suas tarefas e trabalhos propostos pelos professores, além de não possuírem o hábito de estudo.

Segundo Mario Cortella (2014), os alunos chegam hoje na escola sem limites, e se deparam em um ambiente onde devem seguir normas e ter certas responsabilidades. O professor é o sujeito que impõe essas regras e responsabilidades de que não estão acostumados, causando um atrito grande, que reflete em indisciplina, irresponsabilidade, desinteresse e descompromisso. Alguns professores com o passar do tempo se sentem constrangidos, cansados e apresentam problemas de saúde física e mental, como: pressão alta, stress, síndrome do pânico, crises nervosas, e em muitos casos, começa a desgostar da profissão e dos alunos.

A família é muito importante no processo acadêmico do aluno e deve estar presente e participativa na escola em que o filho está matriculado. Devem buscar auxílio externo quando tem dificuldades de impor limites como a própria escola e os serviços da rede de proteção (Conselho Tutelar, Saúde, CRAS).

Neste contexto é importante apregoar as sábias palavras de Cury (2003, p.39), “ Pais que não tem coragem de reconhecer seus erros nunca ensinarão seus filhos a enfrentar seus próprios erros e a crescer com eles”.

Na Instituição escolar Primavera está sendo feito um trabalho árduo, mas recompensador junto às famílias, com reuniões, conversas no sentido de orientações e reflexões, e atividades extra curriculares em que há o envolvimento da família, professores e alunos.

No final de 2015 os professores estavam mais receptivos com as orientações pedagógicas feitas.

Quando analisamos o fracasso escolar (epidemia terrível entre nós e que prefiro chamar de pedagogicídio), sustentado pelos pilares da evasão e da repetência, é usual serem apontadas causas extra escolares: precárias condições econômicas e sociais da população, formação histórica colonizada, poderes públicos irresponsáveis ou atrelados aos interesses de uma elite predatória etc. todas essas são causas reais e impactantes, mas não são as únicas. (Cortella, p 141, junho/2008).

É necessário que o professor conheça seus alunos e respeite a bagagem que trazem de casa, pois ela influencia muito no comportamento e desenvolvimento do aluno na escola e saiba usar essa bagagem com sabedoria sempre pensando no desenvolvimento do aluno. O planejamento é fundamental para o caminhar do sucesso escolar e entre tantos instrumentos

que o professor tem para o desenvolvimento da aula, o planejamento não pode faltar.

O planejamento deve ser feito sempre pensando nas particularidades da sala e do aluno e em suas realidades, pois o principal sujeito é o aluno. É para ele que o planejamento precisa ser pensado.

O planejamento escolar é um processo de racionalização, organização e coordenação da atividade do professor, que articula o que acontece dentro da escola com o contexto em que ela se insere. Trata-se de um processo de reflexão crítica a respeito das ações e opções ao alcance do professor. Por isso a idéia de planejar precisa estar sempre presente e fazer parte de todas as atividades — senão prevalecerão rumos estabelecidos em contextos estranhos à escola e/ou ao professor. (Rev. Nova Escola, dezembro/2003).

O professor deve assumir seu verdadeiro papel dentro da sala de aula, o de interlocutor, orientador, transformador e semeador de idéias.

Para Cury (2003,p.79), “Um bom professor educa seus alunos para uma profissão, um professor fascinante os educa para vida.”

Na instituição Primavera está sendo feito também um trabalho pedagógico com os professores de conscientização na direção da mudança contínua, focando na modernização da didática, saindo do tradicional quadro e giz apenas apresentando conteúdo para novas técnicas de abordagem, com a utilização de novas tecnologias, abordando não só conteúdos mas temas relacionados com a realidade como: violência, gêneros, economia, entre outros, esses temas devem ser levados em consideração pela sua importância e não só pela sua obrigatoriedade legal, mas sempre de um modo reflexivo.

Não estamos educando a emoção nem estimulando o desenvolvimento das funções mais importantes da inteligência, tais como contemplar o belo, pensar antes de reagir, expor e não impor as idéias, gerenciar os pensamentos, ter espírito empreendedor. Estamos informando os jovens e não formando sua personalidade. (Cury p 15, 2003).

Para que os alunos não perdessem referência devido a organização da instituição e da sala e aula, e um número maior de professores do que estavam acostumados, a pedagoga fazia-se presente no cotidiano das aulas, como em orientações das normas, como se organizar nos cadernos, agendas, horários de aulas, conversas em sala de aula com os alunos e professor, para saber

como estava procedendo o desenvolvimento ensino aprendizagem de um modo geral, sempre respeitando o espaço do professor, entre outros.

Houve um aumento nos momentos de orientação direta, com o aluno individualmente, e sempre que necessário com a presença dos responsáveis e professores, mediando e orientando.

Também foi desenvolvido para cada turma do ensino fundamental um livro Ata, onde cada folha pertence a cada aluno da sala da respectiva turma. O professor leva para sala de aula e a cada troca de professor esse livro é entregue na mão do colega que o irá substituir a próxima aula, esse livro é um ótimo instrumento pedagógico, porque é onde o professor faz anotações do aluno quando necessário, se o aluno foi indisciplinado no dia, não entregou trabalho, está faltando, entre outros. A equipe pedagógica tem a função de uma vez por semana ligar para os responsáveis e orientá-los e chamar o aluno para orientá-lo também e se necessário convocar os responsáveis pra conversar com a pedagoga responsável pela turma. Isso fez a família ser mais presente na escola. Essas intervenções já eram feitas, mas com menos frequência a pedagoga ou direção que registrava, pois tínhamos somente a Ata onde é registrado o histórico do aluno(quando se envolve em briga, reclamações dos professores e funcionários, orientações feitas, etc).

Será feito um “intercâmbio” com os alunos do 5º ano das escolas municipais já citadas, pois são dessas escolas que se recebe um número maior de alunos para o 6º ano. Isso ocorrerá no mês de novembro, nesse dia eles ficarão o período da tarde fazendo atividades lúdicas com suas professoras e alguns profissionais e professores da escola Primavera, e terão um lanche especial, farão um tour pela instituição para melhor conhecê-la e conhecer os profissionais que estarão presentes no dia e suas funções, será dada uma palestra sobre o funcionamento e a organização do 6º ano, os professores serão apresentados.

Será marcada uma reunião, possivelmente na secretaria de educação do município, para que os professores de 5º e 6º ano, gestores e pedagogos possam trocar experiências e debater uma melhor maneira de preparar esses alunos. A psicóloga do município estará presente para que possa também contribuir nesse processo, e assim no próximo ano possamos estar melhor

preparados para recebê-los, uma parceria que ainda não começou mas que tem tudo para dar certo.

As ações desenvolvidas na Escola Primavera vêm demonstrando bons resultados, mas para que o resultado seja mais significativo é necessário que todas as políticas públicas responsáveis pela educação, também assumam suas responsabilidades como por exemplo em formações melhores e especificamente para professores de 5° e 6° anos, em verbas para melhorar o espaço físico da instituição e comprar matérias lúdicas e compatíveis para a idade.

Segundo Cortella (2008), colocamos a culpa do fracasso escolar em várias causas como desnutrição, problemas sociais e econômicos, políticas públicas, evasão escolar, entre outros, mas estas não são as únicas causas.

Acredito que se a família e a escola se unirem em direção a um único propósito, que é o desenvolvimento acadêmico e social do aluno, se tornando parceiros e cada um assumindo as suas responsabilidades, as causas citadas por Cortella (2008) possam até continuar, mas serão menos árduas de superá-las.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existem muitas barreiras a serem enfrentadas pelos alunos e profissionais da educação na transição do 5° ano para o 6° ano, as quais dificultam e atrapalham o desenvolvimento intelectual e social do aluno. Essas barreiras são problemas levantados na instituição de ensino Primavera que afetam diretamente os alunos.

São várias situações que pode-se considerar um problema no desenvolvimento do aluno, entre elas a ausência da família, professores, gestão e equipe pedagógica despreparada, que não demonstram interesse em mudar e se reciclar para um bem maior, que é o aluno, e desenvolver ações para que se pleiteie um número maior de sucesso de desenvolvimento intelectual e social do aluno.

Segundo Cortella (2008) a causa do fracasso escolar não é somente as condições precárias em que se encontra a Instituição, ou situações econômicas e sociais da população, existem outros fatores que cooperam no

fracasso escolar como professores desinteressados e mal preparados, a bagagem do aluno (sua vivência) que traz consigo, que pode ajudá-lo ou dificultar seu desenvolvimento, e que por muitas vezes não se tem um olhar especial para esse aluno entre outras.

A motivação tanto para professores, alunos e seus responsáveis faz grande diferença nessa transição de um modo positivo, e deve dar continuidade nas outras séries, para assim ter sucesso na vida escolar e social do aluno, construindo cidadãos capazes de agir e interagir na vida profissional e social.

A família é uma grande parceira nesse processo. Segundo Cury (2003), é necessário os pais reconhecerem seus erros, pois assim seus filhos irão aprender a enfrentar seus próprios erros e aprender com eles. Os pais ou responsáveis devem ser presentes na vida do filho e suas atitudes refletem no seu desenvolvimento.

Acredito que todos os itens abordados neste trabalho irão contribuir para que as barreiras enfrentadas pelos alunos e profissionais da educação sejam trabalhadas para que sejam vencidas e que um maior número de sucesso escolar da Instituição de ensino Primavera seja bem maior do que vem demonstrando e que possa ajudar também outras Instituições de ensino que passam por situações iguais ou parecidas.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Andréa Addad, A MOTIVAÇÃO DO ADOLESCENTE E AS PERCEPÇÕES DO CONTEXTO SOCIAL EM SALA DE AULA. Londrina/PR 2006. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/mestrededu/images/stories/downloads/dissertacoes/2006/2006%20-20BARBOSA,%20Andra%20Haddad.pdf>>. Acesso em: 06 ago. 2016.

CORTELLA, Mario Cergio, A escola e o conhecimento: Conhecimentos epistemológicos e políticos. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2008. 166p.

CORTELLA, Mario Sergio, O papel dos pais e professores na educação atual. GENÚNCIO Claudia, 25/out 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UwoC_M_ei9g>. Acesso em: 19 abr. 2016.

CURY, Augusto Jorge, Pais brilhantes, professores fascinantes. Rio de Janeiro: Sextant, 2003. 171 p

Ensinar bem é saber planejar, Rev. Nova escola. publicado em dezembro/2003. Disponível em: <<http://novaescola.org.br/planejamento-e-avaliacao/planejamento/ensinar-bem-saber-planejar-424802.shtml>>. Acesso em: 23 julh. 2016.

ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS: PERGUNTAS MAIS FREQUENTES E RESPOSTAS DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA (SEB/MEC). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensfund9_perfreq.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2016.

FRAGA Jeovane A. Alves; VARELA Danielle S.da Silva, A relação entre a desnutrição e o desenvolvimento infantil. Rev. Assoc. Bras. Nutr.: Vol.4, N.5, jan-jun 2012. Disponível em: <<file:///C:/Users/user/Downloads/129-419-1-PB.pdf>>. Parrat-Dayana, Silvia, Indisciplina>. Acesso em: 19 jul. 2016.

GAGNO, Roberta Ravaglio; SCHELESENE, Anita Helena; SILVA, Sidney Reinald ; FURTADO, Andréa Garcia , ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS: COMO SE DEU A IMPLANTAÇÃO NAS ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE CURITIBA. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/228_823.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2016.

Grandes pensadores e suas contribuições para a prática pedagógica. Disponível em: <http://www.miniwebcursos.com.br/curso_aprender/modulos/aula_1/artigos/pensadores.html>. Acesso em 21 ju. 2016.

MELIN, Lucimara, A TRANSIÇÃO PARA O ENSINO FUNDAMENTAL II: MOTIVAÇÃO PARA A MATEMÁTICA EM RELAÇÃO COM O CONTEXTO SOCIAL PERCEBIDO, Londrina/PR. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/mestrededu/images/stories/downloads/dissertacoes/2013/2013_-_MELIN_Lucimara.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2016.

Ministério da educação, O PNE 2010-2020: Metas e Estratégias. 2011. Disponível em: <http://fne.mec.gov.br/images/pdf/notas_tecnicas_pne_2011_2020.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2016.

Mognon, Jocemara Ferreira, Motivação para aprender: aplicações no contexto educativo. Vozes, Petrópolis/ RJ. Disponível em: <[file:///C:/Users/user/Downloads/8623-30924-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/user/Downloads/8623-30924-1-PB%20(2).pdf)>. Acesso em: 02 jul. 2016.

Revista Gestão escolar, 12 ed. fev./mar. 2011. Disponível em: <<http://gestaoescolar.org.br/comunidade/silvia-parrat-dayan-fala-indisciplina-escola-623809.shtml>>. Acesso em: 19 jul. 2016.

RIOS, Terezinha Azeredo, O espaço físico da escola é um espaço pedagógico. Rev. Gestão Escolar, 13 ed. abril/ maio 2011. Disponível em: <<http://gestaoescolar.org.br/espaco/espaco-fisico-escola-espaco-pedagogico-630910.shtml>>. Acesso em: 12 abr. 2016.

SANTOS, Elenir Souza, UDEMO, II - Trabalhando com Alunos: Subsídios e Sugestões. Rev. Gestão universitária. 40 ed. Disponível em: <http://www.udemo.org.br/RevistaPP_02_05Professor.htm>. Acesso em: 22 jul. 2016.

SAVIANI, Demerval, Concepções de Escola, Ensino e Aprendizagem. Disponível em: <<http://letrasunifacsead.blogspot.com.br/ermeval-saviani-concepcoes-de-scola.html>>. Acesso em: 23 jul. 2016.

SAVIANI, demerval, Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 7 ed. Campinas-SP: Ed. Autores associados, 200. 122p.

SEED, Ensino Fundamental de Nove anos Orientações Pedagógicas para os anos iniciais. 2010. Disponível em <<http://www.klconcursos.com.br/apoio/2a374359a9e0554c5eac2522946624ac.pdf>>. Acesso em: 24/mai. 2016.